

Esta coluna contém informação e opinião

GPS DA
ECONOMIA**Marta Sfredo**

marta.sfredo@zerohora.com.br

com João Pedro Cecchini

joao.cecchini@zerohora.com.br

Expectativa de juro a 14,75%, mas com suspense

Só se tem uma certeza sobre a reunião do Comité de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) que começa hoje e termina amanhã: o juro vai subir outra vez, ainda que com pancada mais suave. Ao menos, foi esse o recado do comunicado no encontro anterior.

Mas há um pequeno alento: as expectativas, que iam de 0,75 a 0,25 ponto, agora se concentram no terço inferior. Ainda assim, é a decisão que embute o maior suspense dos últimos meses.

Por um lado, o BC já havia avisado que iria abandonar o modo “choque monetário”, que teve três altas seguidas de 1 ponto percentual. Avisou que haveria outra elevação, mas de “magnitude menor”. Ontem,

o Relatório Focus mostrou a maioria dos economistas consultados projetando Selic de 14,75%, não mais 15%.

O alívio é pequeno? É, minúsculo. Até porque isso significa que o juro chegará ao patamar mais alto em 19 anos, depois de seis elevações consecutivas. O conjunto da obra faz com que a aposta dominante, agora, seja de alta de 0,5 ponto percentual na quarta-feira para depois parar e observar a situação.

Projeções de inflação pararam de subir

O que ajuda a compor esse cenário também está explícito no Focus: as projeções de inflação pararam de subir. O relatório apresentado ontem mostrou uma pequena variação para baixo na previsão para

este ano – de 5,55% para 5,53% – e manutenção das estimativas para os dois próximos anos.

O problema é que essa confirmação se dá em nível muito superior ao centro da meta, de 3%, mas ambas quase dentro da margem de tolerância – a de 2026 escapa só por 0,01 ponto percentual.

Além disso, a incerteza que vem marcando as últimas decisões do Copom só aumentou de meados de março até agora, especialmente com o tarifaço de Donald Trump. Não há a menor ideia sobre como vai operar o comércio internacional depois das negociações em curso. E é bom lembrar que as exportações brasileiras ajudam muito a dar estabilidade ao dólar – portanto, à inflação. —

➔ **No primeiro dia da semana marcada por decisões de bancos centrais, o dólar teve alta de 0,63%, para R\$ 5,689. O setor de serviços dos EUA segue forte, afastando o corte de juro por lá e fortalecendo a moeda americana.**

01 Uma fita para hospitais e pesquisas clínicas

Fundada em Porto Alegre e com operações também em São Paulo, a healthtech BoxiFarma desenvolveu uma solução para evitar erros ou esquecimento na administração de remédios, a BoxiFita.

Usa robôs de alta precisão, importados da Coreia do Sul, que operam com um software exclusivo. Isso permite organizar medicamentos em uma fita com doses exatas para 30 dias, separadas por dia e horário. Um aplicativo de celular permite salvar o horário de ingestão e, em caso de esquecimento, envia um lembrete. Um scanner fotografa e reconhece cada medicamento no envelope.



EDIVAN ROSA, DIVULGAÇÃO

Software é exclusivo da startup

Com o sistema, a BoxiFarma quer expandir seus negócios para hospitais – oferecendo medicamentos já separados para alta dos pacientes – e indústria, atuando na fase de pesquisa clínica com voluntários. —

03



SENGE-RS, DIVULGAÇÃO

Entrevista**Cristina Faciaben**

Representante da CCCO, maior sindicato da Espanha

“Quando a indústria declina, cresce a terceirização”

A penúltima reforma trabalhista da Espanha foi referência para a aprovada no governo Temer. A última inspira quem teme precarização, porque em 2021 um acordo tripartite recompôs direitos. Conforme relatório do banco BBVA, “as maiores restrições à contratação

temporária não parecem ter impedido a criação de emprego”. Nesta semana, Cristina Faciaben, representante da Confederación Sindical de Comisiones Obreras, maior estrutura sindical da Espanha, participa de seminário do Senge-RS.

• Como é o histórico de reformas trabalhistas da Espanha?

Todas as implementadas desde a restauração da democracia (1977) foram implementadas unilateralmente por governos. E sempre atacaram direitos dos trabalhadores. A de 2021 foi a primeira pactada entre governo, organizações empresariais e sindicais. Foi um acordo social. A intenção foi estabilizar o mercado de trabalho na Espanha.

• Como foi possível?

Na época, a Comissão Europeia havia lançado planos de recuperação depois da pandemia. Foi uma injeção de dinheiro para projetos públicos, mas, sobretudo, empresariais. A entrega foi condicionada ao cumprimento de critérios, entre os quais a estabilidade do mercado de trabalho. Isso significava que não poderia haver tanta diferença entre trabalhadores mais antigos, que tinham boas condições, e um número enorme de pessoas em situação extremamente precária,

com contratos que duravam dias. A Espanha foi meio que obrigada a implementar mudanças para limitar e reduzir a natureza temporária dos contratos.

• Qual foi o resultado?

Melhorou a qualidade do mercado de trabalho na Espanha e, ao contrário do se dizia, o nível de emprego cresceu. Claro que cresceu também porque a economia foi bem na Espanha. A crise de inflação brutal na Europa não nos afetou tanto.

• No Brasil, há debate sobre jovens que já não querem emprego fixo e jornadas definidas, atuam com plataformas. Isso ocorre na Espanha?

Sim, é mundial. O sindicato tem um espaço de atuação natural que é a indústria, onde é fácil se organizar, porque há grandes grupos trabalhando no mesmo local, ao mesmo tempo, com os mesmos problemas. Quando a indústria declina e os serviços crescem, não precisa nem ser em plataformas, aumenta a terceirização. Precisamos ser conscientes de que a indústria não vai desaparecer, mas continuará a declinar porque isso já ocorre. Temos de nos repensar um pouco. A questão das plataformas é fundamental, porque é um campo de trabalho muito amplo.

• Como atuar nesse caso?

Ou vamos ao encontro também desses novos profissionais, ou os sindicatos podem se tornar quase um souvenir. —

02

Ficha do escândalo no INSS não cai no governo Lula

Como era previsível, ainda antes da virada da semana, o novo ministro da Previdência, Woley Queiroz, já enfrenta críticas. Por ora, estão focadas na oposição do Congresso, mas correm o risco de ganhar robustez. Há requerimentos para que Queiroz vá ao Congresso explicar como a fraude foi possível e o

que está sendo feito para saná-la. Afinal, Queiroz participou da mesma reunião em que a fraude foi denunciada, ainda em meados de 2023. Ou seja, esteve entre os dirigentes que conviveram com o conhecimento do problema – sem solucionar – por quase dois anos.

E o que se sabe até agora sobre a compensação dos beneficiários que tiveram fraude descontada na conta não é auspicioso. Cogita-se um sistema em que seria necessário fazer um registro, ocorra uma investigação para que a compensação seja ou não autorizada. Em poucas palavras, é submeter os lesados à burocracia que foi aliviada para os que cometeram o crime. —